

IV.

O Túmulo Megalítico de Santa Rita (Vila Nova de Cacela).
Resultados preliminares de um processo de investigação em curso

Nuno Inácio*
Francisco Nocete*
David Calado**
Francisco Curate***
José Miguel Nieto****
Moisés R. Bayona*
Catarina Oliveira*****

Resumo

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 2007 e 2008 no Túmulo Megalítico de Santa Rita documentaram um contexto arqueológico definido por uma estrutura tumular com soluções arquitectónicas que mostram claras afinidades com os monumentos de Nora e Marcela identificados por Estácio da Veiga nesta região. O excelente estado de conservação que patenteava não só permitiu definir as pautas de construção e reconstituir o seu aspecto primitivo, como possibilitaram avaliar as práticas sociais articuladas à sua utilização como ossário.

A existência de uma necrópole externa, onde foram identificadas seis sepulturas e um mínimo de oito indivíduos ascritos cronologicamente a um amplo espectro temporal, desde os meados do II Milénio A.N.E. até finais do I Milénio A.N.E., vem reforçar a sua importância como lugar de memória.

No entanto, a ocupação deste local parece estender-se até ao século IV ou V da nossa era, como demonstram os contextos arqueológicos e os remanescentes artefactuais documentados.

Abstract

Archaeological survey carried out in the megalithic tomb of Santa Rita has documented an archaeological context with architectural solutions that show clear affinities with the monuments of Nora and Marcela. The excellent state of conservation allows us to define the guidelines for its building and evaluate social practices articulated to its use as ossuary.

The existence of a necropolis outside, where six graves were identified and a minimum of eight subjects chronologically ascribed to a wide spectrum of time, since the middle of the Second Millennium BCE by the end of the First Millennium BCE, reinforces its importance as a place of memory. However, the occupation of this place seems to extend to the fourth or fifth century of our era, as evidenced by the archaeological contexts and the remains documented.

* Departamento de História I, Universidade de Huelva (Espanha) nuno.inacio@dhis1.uhu.es

** Direcção Regional de Cultura do Algarve (Faro)

*** Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra

**** Departamento de Geología, Universidade de Huelva (Espanha)

***** Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela (Santa Rita, Vila Nova de Cacela)

1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no Túmulo Megalítico de Santa Rita foram realizados ao abrigo do projecto “Pré-História e Megalitismo na região de Cacela”, que reúne em parceria o Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela (CIIPC), a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António (CMVRSa) e a Universidade de Huelva (UHU) através de um convénio de colaboração celebrado por estas entidades. Este projecto foi desenhado com o objectivo de executar um conjunto de medidas orientadas a Investigar, Salvar, Conservar e Divulgar o património arqueológico e as suas linhas orientadoras foram objecto de uma breve exposição pública no 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2007) e editadas em trabalho publicado nas respectivas actas (Inácio et alii, 2008).

As lacunas de informação relativas à Pré-História desta região exigiam o desenho de um programa de investigação orientado a criar um suporte documental capaz de superar a imagem de desprezo científico, um dos seus expoentes máximos - os túmulos megalíticos - de uma explicação histórica coerente e fundamentada que os contextualizasse no processo histórico onde se inscreviam (diacronia histórica) e no espaço social onde se inseriam (sincronia social). Com efeito, era necessário um caso arqueológico idóneo como laboratório de investigação científica com capacidade de gerar informação histórica contrastável e que servisse, simultaneamente, de suporte informativo ao programa de conservação e valorização que se pretendia desenvolver.

O Túmulo Megalítico de Santa Rita foi identificado em 2001 no âmbito de um conjunto de medidas prévias de inventariação e classificação do património histórico e arqueológico do concelho de Vila Real de Santo António realizadas no âmbito da Carta do Património de Cacela (Acção Piloto Portugal-Espanha-Marrocos enquadrada no art. 10º FEDER).

Os trabalhos arqueológicos de limpeza superficial desenvolvidos em 2006 permitiram observar, em alguns sectores, restos dos esteios de cobertura, o topo de alguns esteios do corredor e outros indicadores estruturais que anteviam a existência de níveis arqueológicos conservados. Face ao seu aparente bom estado de conservação e por se tratar, muito provavelmente, de um dos últimos monumentos megalíticos conservados na região, susceptível de ser investigado com metodologias capazes de facultar elementos determinantes à explicação da sua história, foi seleccionado como primeiro laboratório de avaliação empírica.

Os resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos consequentemente durante duas campanhas de escavação em 2007 e 2008 serão aqui objecto de uma primeira apresentação e leitura.

2. Enquadramento geomorfológico e paisagístico

O túmulo megalítico de Santa Rita localiza-se a cerca de 0,5km a nascente da aldeia de Santa Rita e a 3km nor-nordeste da aldeia de Cacela Velha, freguesia de Vila Nova de Cacela, Concelho de Vila Real de Santo António. As suas coordenadas geográficas, de acordo com o Datum de Lisboa, são as seguintes:

37°10'41.821" Latitude Norte
7°33'53,043" Longitude Oeste

Encontra-se implantado no topo de uma pequena elevação de suaves pendentes, com 69m de cota máxima, adjacente à margem direita da ribeira das Hortinhas (afluente da ribeira de Cacela), dominando visualmente um extenso anfiteatro natural que se prolonga até ao litoral (Figura 1).

Do ponto de vista geológico o monumento apresenta localização bastante peculiar junto à falha



Fig. 1 – Vista aérea desde norte, com o litoral em pano de fundo, do anfiteatro natural controlado visualmente pelo monumento (Fotografia de Lúcio Alves).

paralela ao litoral que separa o maciço paleozóico a norte e a cobertura mezo-cenozóica a sul. Localmente, o maciço paleozóico é representado pelo Grupo Flysch do Baixo Alentejo (Formação Mira) e apresenta litologia dominada por uma sucessão de sedimentos turbidíticos, que incluem grauvaques, siltitos, pelitos e intercalações de conglomerados. Na área de Cacela, a unidade mais antiga do Mezozóico assenta em discordância com o Grupo Flysch do Baixo Alentejo e é designada por Complexo de Grés de Silves. Trata-se de uma formação litológica do Triássico, que aflora numa faixa contígua segundo a direcção E-W, com várias variantes segundo a sua posição estratigráfica mas que, de modo geral, é constituída por conglomerados, grés, arenitos e argilitos, cuja cor dominante é o vermelho e o violáceo. A sul onde se encontra localizado o monumento, é possível identificar algumas formações dolomíticas, brechas dolomíticas e calcários dispostos em bandas de idade jurássica.

3. Metodologia

Os trabalhos arqueológicos tinham como objectivo a avaliação dos contextos em dois âmbitos

distintos: o interior do túmulo megalítico (câmara funerária e corredor) e áreas adjacentes (tumulus e outros elementos estruturais e arquitectónicos).

A escavação foi projectada sobre uma área total de 115 m² de forma a incluir todas as evidências patrimoniais observáveis à superfície. Com efeito, foi implantado um sistema cartesiano (X, Y) sobre um levantamento topográfico previamente executado por técnicos da CMVRS, cuja intercepção dos eixos se fez coincidir com o ponto (X=100, Y=100) de forma a obter coordenadas sempre positivas e dividir a massa tumular em 4 quadrantes, atendendo às particularidades da unidade geomorfológica onde se encontra implantado o túmulo megalítico.

A metodologia seguida durante a intervenção arqueológica consistiu na implementação de um registo micro espacial dos contextos arqueológicos através da documentação gráfica, fotográfica, descritiva e ulterior escavação de todas as Unidades Estratigráficas (UE) na ordem inversa à sua formação, seguindo os critérios metodológicos de escavação em Open Area (Barker, 1982) com aplicação de leituras estratigráficas definidas por Harris (1993) e complementado por um levantamento tridimensional de todos os artefactos e ecofactos.

4. Registo arqueológico

4.1. Campanha de 2007

A primeira fase da intervenção arqueológica no Túmulo Megalítico de Santa Rita teve início com a delimitação e escavação integral dos contextos internos e das áreas contíguas ao corredor do monumento (Figura 2). No seu interior foi identificada uma sucessão de depósitos formados por amontoado de lajes de arenito correspondentes a revolvimentos ocorridos em tempos romanos. Como observaremos adiante, a natureza desta ocupação romana só viria a ser esclarecida durante a intervenção de 2008. Estas visitas não só danificaram completamente os contextos arqueológicos precedentes como foram as responsáveis pela amputação do único esteio em falta no corredor, bem como outros danos na sua estrutura arquitectónica. Além de materiais de época romana, estes contextos ofereceram escasso material pré-histórico, circunscrito apenas a duas pontas de seta de base concava e alguns fragmentos amorfos de cerâmica manual.

Após a remoção destes entulhos foi identificado um piso homogéneo em todo o corredor constituído fundamentalmente por terra muito compactada e, tombada no interior do átrio, uma grande laje talhada em calcário, cujas dimensões sugerem tratar-se da porta que selava a entrada na câmara funerária definida por dois umbrais e encimada por lintel. Por se encontrar parcialmente sobre os restos do esteio amputado sabemos que este elemento foi removido da sua posição original aquando dos remeximentos ocorridos em época romana.



Fig. 2 – Perspectiva do corredor do monumento durante a intervenção de 2007 e após a finalização dos trabalhos arqueológicos neste sector.

Após a conclusão da intervenção arqueológica no corredor e nas áreas adjacentes, foi aberta uma nova área arqueológica com o intuito de identificar a câmara funerária e avaliar a sua relação com outros elementos arquitectónicos visíveis à superfície. Os trabalhos desenvolvidos na plataforma mais alta permitiram pôr totalmente a descoberto os esteios de cobertura que jaziam in situ e o topo dos esteios laterais da câmara funerária, bem como delimitar com rigor os contornos do duplo anel periférico. No entanto, um dos aspectos mais interessantes foi a identificação de um conjunto de seis sepulturas no interior de fossas ou inseridas em estruturas, algumas aproveitando elementos do próprio monumento, como esteios de cobertura ou o topo dos esteios laterais, perfazendo um total de oito indivíduos inumados.

4.2. Campanha de 2008

Após o registo completo do corredor e da necrópole externa em 2007, a intervenção arqueológica de 2008 foi desenhada com o objectivo de avaliar os contextos internos da câmara funerária e aferir o potencial arqueológico do sector não escavado do tumulus, situado a norte do monumento.

A escavação na câmara funerária desenvolveu-se primeiramente no sector desprovido de esteios de cobertura, aproveitando aqueles que ainda se mantinham in situ para aí efectuar um perfil estratigráfico transversal que permitisse a leitura integral e diacrónica dos contextos de enchimento. Durante a campanha de 2007, após o levantamento das sepulturas, surgiu a dúvida se os restantes esteios de cobertura teriam sido removidos ou se teria ocorrido um colapso estrutural destes elementos. A intervenção arqueológica permitiu documentar uma sucessão de unidades estratigráficas compostas por acumulação de elementos pétreos de xisto e arenito vermelho, provavelmente procedentes do desmantelamento do tumulus e dos esteios de cobertura, dispostos de forma aleatória e inclinada, deixando por vezes interstícios entre eles, formando um depósito homogéneo de enchimento apressado da câmara funerária ocorrido após violação desta a partir do topo, o que implicou a remoção de parte da cobertura do monumento. Sensivelmente a meia altura, foi documentada uma acumulação de carvões, bem delimitada no centro da câmara, correspondente a provável estrutura de combustão.



Fig. 3 – Perspectiva geral dos contextos internos de utilização da câmara funerária.



Fig. 4 – Pormenor dos contextos internos de utilização da câmara funerária junto ao esteio de cabeceira.

Após a remoção destes enchimentos foi identificado um contexto arqueológico definido por abundantes lajes de xisto dispostas horizontalmente sobre os restos osteológicos do interior da câmara, oferecendo dois recipientes de cerâmica, colocados lado a lado, um dos quais completo, sugerindo tratar-se de um depósito intencional com o intuito de selar os contextos funerários relacionados com a utilização da cripta funerária. Tanto a deposição destes recipientes de cerâmica como a estrutura de combustão parecem relacionar-se com práticas rituais ocorridas durante estas visitas ao monumento a partir do topo da câmara funerária em momento por ora indeterminado.

Após o registo dos depósitos descritos foi possível definir neste sector os contextos associados à utilização do monumento. Paralelamente, procedeu-se ao registo gráfico e fotográfico do perfil estratigráfico mencionado, à remoção controlada por meios mecânicos dos dois esteios de cobertura conservados ainda in situ à escavação manual dos níveis arqueológicos subjacentes com o propósito de obter uma leitura integral e espacial dos contextos no interior da câmara funerária. Foi então possível constatar a intensa utilização a que foi sujeita durante pelo menos dois momentos, segundo a realidade estratigráfica observada (Figura 3). Ao primeiro momento de utilização corresponde um nível estratigráfico, com cerca de 0,2m de potência, ocupando toda a câmara funerária. Ofereceu abundante material osteológico, composto essencialmente por crânios e ossos



Fig. 5 – Vista geral da estrutura de tendência rectangular identificada no decurso da intervenção de 2008.

longos dos membros, e espólio arqueológico diverso concentrado maioritariamente na área mais ampla. Paralelo a este momento foi detectado no interior de um nicho uma unidade com características sedimentológicas similares, contendo também espólio arqueológico e material osteológico. Cobrindo estas duas unidades foi identificado um nível estratigráfico, bem individualizado em termos de coloração, compactação e textura, correspondente a uma segunda fase de ocupação da câmara, agora quase circunscrita à zona próxima ao esteio de cabeceira. Ofereceu abundante material arqueológico e osteológico, composto maioritariamente por crânios e ossos longos dos membros, dispersos e desprovidos de qualquer conexão anatómica (Figura 4).

Finalizada a intervenção na câmara funerária, após a escavação do seu conteúdo e consequente definição do pavimento que a caracteriza, foi aberta nova área arqueológica a norte de forma a avaliar os contextos externos ao monumento e aferir o significado de alguns elementos pétreos emergentes. Foi detectado os restos do tumulus que cobria toda a câmara funerária e o anel que o sustentava através da definição dos contornos do seu alvéolo de implantação.

Porém, a norte do corredor, foi documentada uma realidade distinta sob um derrube de pedras. Após o seu levantamento foi possível definir uma estrutura de tendência quadrangular (Figura 5) em alvenaria rodeada por um piso de argamassa e cerâmica moída, associada a material muito fragmentado de época romana.

5. Resultados

5.1. Estrutura arquitectónica e processo construtivo do monumento

As características arquitectónicas do Túmulo Megalítico de Santa Rita permitem considerá-lo um dos monumentos mais expressivos do Sul de Portugal, com soluções que mostram claras afinidades com os monumentos de Nora e Marcela identificados por Estácio da Veiga (Figura 6). O excelente estado de conservação e a escavação integral dos contextos

arqueológicos a ele associados permitem definir com rigor as suas pautas de construção e reconstituir o seu aspecto primitivo (Figura 7):

- Túmulo ortostático formado por câmara funerária e corredor de acesso parcialmente escavados no substrato rochoso local (arenitos vermelhos), tendo sido extraídos para o efeito mais de 20 m³ de rocha.
- O corredor, diferenciado em planta e alçado, oferece dimensões razoáveis, com cerca de 5,0m de comprimento, 0,9m de largura máxima e altura que oscila entre os 0,5m na entrada e 1,2m no átrio que antecede a entrada na câmara funerária. É formado por oito esteios no lado norte e por seis esteios no lado sul, imbricados com calços e encostados ao substrato rochoso previamente escavado para o efeito. Apresenta orientação a sudeste¹ e ligeira inclinação para sul formando uma pequena curva perceptível pela disposição arqueada dos esteios. Em planta é possível observar um pequeno átrio antecedendo a entrada da câmara funerária, induzido pela presença de dois esteios batentes dispostos transversalmente em cada lado e por um degrau definido por uma depressão natural no substrato rochoso. De forma a estreitar a sua entrada, dificultando a sua passagem, foi colocado um monólito talhado, apresentando a face exposta ao exterior ligeiramente afeiçãoada. Oferecia parte superior amputada, tendo sido identificada no interior do corredor em contextos associados a revolvimento ocorridos em época romana. A presença de lajes de grandes dimensões nestes contextos, algumas oferecendo um tamanho similar à largura do corredor, e de esteios ligeiramente afeiçãoados no topo, sugere que o corredor seria parcialmente coberto.
- O corredor culmina num original dispositivo de entrada na câmara funerária formado por um esteio de calcário disposto no lado norte e dois umbrais em arenito vermelho encimados por lintel de calcário. A sua disposição formaria pequena entrada de acesso à câmara funerária, com cerca de 0,70m de largura por 0,90m de altura, que seria selada por uma laje integralmente talhada em calcário, de formato rectangular, que se

¹ Para informações mais detalhadas acerca deste tema sugerimos a leitura do trabalho do Prof. Cândido Marciano da Silva intitulado "The Sun and the Moon in the Megalithic Period", apresentado no 17th SEAC Conference (Alexandria).

O Túmulo Megalítico de Santa Rita (Vila Nova de Cacela). Resultados preliminares de um processo de investigação em curso.
Nuno Inácio | Francisco Nocete | David Calado | Francisco Curate | José Miguel Nieto | Moisés R. Bayona | Catarina Oliveira



Fig. 6 – Fotografia aérea do túmulo megalítico de Santa Rita após a conclusão dos trabalhos arqueológicos em 2008.

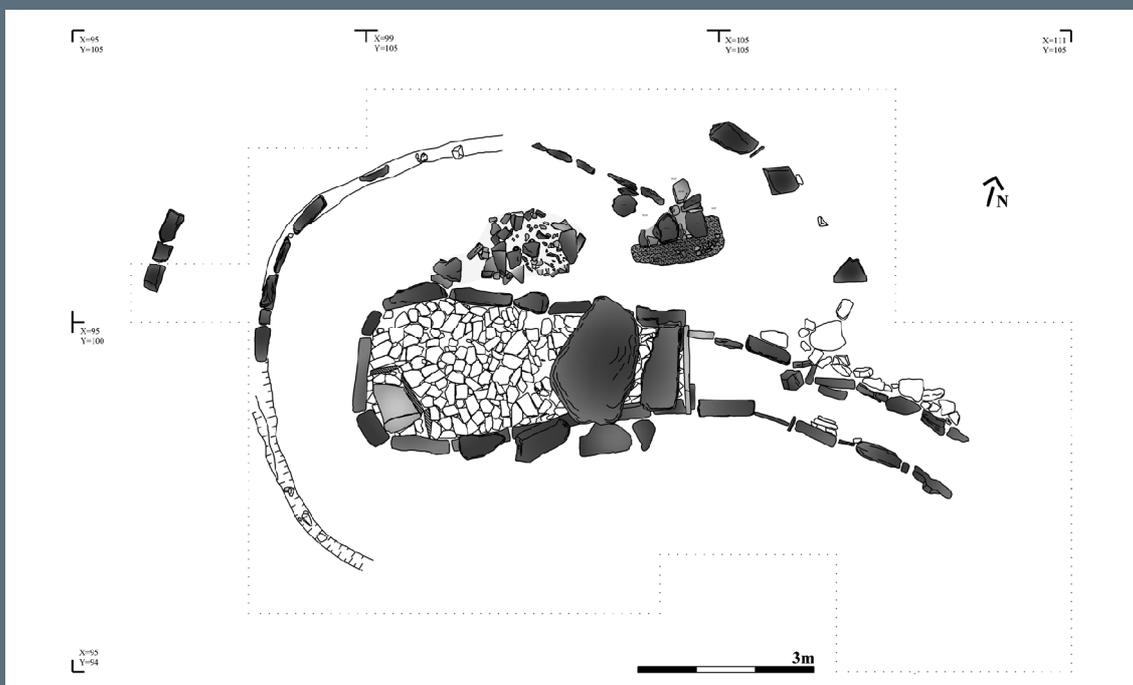


Fig. 7 – Planta das estruturas postas a descoberto durante a intervenção arqueológica no Túmulo Megalítico de Santa Rita.

encontrava tombada no interior do corredor. Para ampliar a monumentalidade deste conjunto é de realçar a selecção de matérias-primas com cores contrastantes (o branco do calcário e o vermelho escuro do arenito) com o intuito de criar um efeito cenográfico sobre o exterior e um sugestivo impacto visual, reforçando ainda mais a originalidade do monumento.

- A câmara funerária poderá integrar-se dentro dos monumentos tradicionalmente denominados por galeria coberta. Exibe, em planta, configuração de tendência piriforme, com esteio de cabeceira bem demarcado, apresentando 5,4m de comprimento e largura que oscila entre 1,2m, junto à entrada, e 2,5 m na área interna junto ao esteio de cabeceira. É definida por 15 esteios de arenito vermelho dispostos em cutelo, revestindo o substrato rochoso, e seria coberta por grandes lajes de arenito como parece indicar os dois esteios conservados in situ. Em alguns casos, para sustentar esta cobertura e horizontalizar a sua zona de apoio foi adicionado um bloco de arenito a alguns esteios laterais, sobretudo aqueles que não apresentavam a altura suficiente para suportar tão pesados elementos. O piso da câmara funerária é constituído por um pavimento de pequenas lousas de xisto colocadas horizontalmente, formando um lajeado homogéneo com uma ligeira inclinação de 0,4m em direcção à cabeceira. Junto ao esteio de cabeceira, no canto mais recôndito, a sul, é possível observar um pequeno nicho similar ao identificado por Estácio da Veiga no monumento da Marcela, constituído por três lajes de xisto dispostas em cunha e pavimento interno formado por uma grande laje de calcário. Uma vez mais é de realçar a utilização do calcário como matéria-prima seleccionada para pavimentar este sector, diferenciando-o da restante câmara funerária.
- A câmara funerária seria coberta por tumulus constituído por lajes de grauvaque embaladas em sedimento de coloração amarela, cujos restos conservados foram registados a norte e a oeste.
- Delimitando o tumulus, foi identificado um primeiro anel periférico, conservado em sectores, constituído por lajes de arenito vermelho fincadas no subsolo com ajuda de calços em alvéolo de implantação previamente escavado no substrato geológico. A conservação de quase todo o seu contorno sugere que este elemento

arquitectónico estaria disposto em forma de ferradura, com abertura a nascente, delimitando apenas a câmara funerária e servindo assim de contenção e suporte da massa tumular face aos agentes erosivos. Esta disposição sugere ainda a existência de uma fachada orientada a este, destruída na metade sul pela erosão e na metade norte pela reocupação romana, constituída pelo primeiro esteio de cobertura da câmara e por elementos que ligariam os dois extremos deste primeiro anel. Algumas lajes de calcário que fariam parte deste elemento arquitectónico parecem ter sido reutilizadas no levantamento da estrutura romana identificada.

- Um segundo anel periférico foi identificado no sector oeste e nordeste do monumento. É constituído por lajes de grauvaque dispostas horizontalmente sobre o substrato geológico. Teria um formato de tendência oval, contornando todo o monumento e culminaria provavelmente na entrada do corredor.
- No que concerne à matéria-prima utilizada na construção do monumento, os xistos e os arenitos que compõem quase exclusivamente a câmara, o corredor e o tumulus podem ser facilmente extraídos dos afloramentos circundantes. No caso dos arenitos, as cicatrizes de extracção identificadas num afloramento situado a escassos 50m a oeste permitiu identificar com precisão o seu local de aprovisionamento. A procedência do calcário utilizado na entrada e no pavimento do nicho interno deve localizar-se nos afloramentos situados a cerca de 500m a sul do monumento.

5.2. Ritual funerário

O excelente grau de conservação patente em sectores da câmara funerária permitiu identificar algumas características do ritual funerário utilizado por estas comunidades.

No cômputo geral dos dois momentos de ocupação, o estudo antropológico preliminar da documentação facultada aponta para a presença de restos osteológicos pertencentes a mais de duas dezenas de indivíduos estando, porém, ausentes depósitos primários. No entanto, não podemos olvidar que apesar do reduzido grau de fragmentação do espólio arqueológico exumado, este primeiro nível de ocupação sofreu revolvimentos provocados pela sua intensa e constante utilização,

por acção de micro mamíferos roedores - cujos restos foram possíveis de exumar - e por um segundo nível de ocupação que se traduziu em reposicionamentos dos contextos anteriores, visível sobretudo no interior do nicho onde os materiais foram movidos para os recantos. O segundo nível de ocupação, restrito à parte mais ampla da câmara, ofereceu melhor conservação ilustrada no reduzido estado de fragmentação dos restos osteológicos e do espólio arqueológico, sobretudo recipientes de cerâmica que se encontravam intactos.

Deste modo, os dados arqueológicos e antropológicos, sobretudo a ausência de inumações e a homogeneidade das regiões anatómicas presentes, essencialmente crânios e ossos longos dos membros, apontam para a utilização deste monumento apenas como ossário.

5.3. Materiais arqueológicos

As práticas sociais de ritualização do espaço

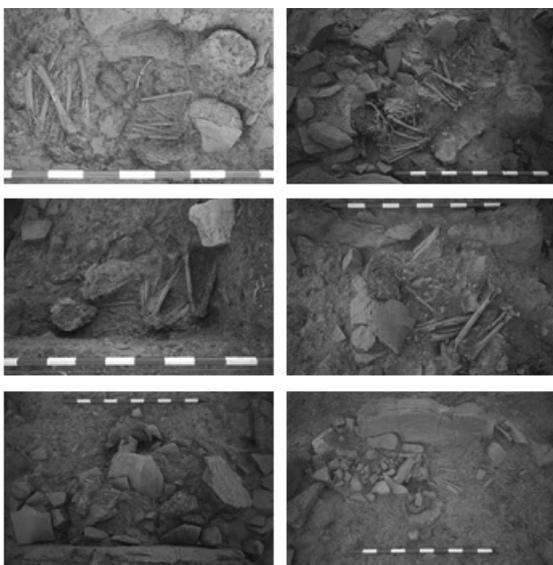


Figura 8 – Composição fotográfica com uma perspectiva geral das sepulturas identificadas durante a intervenção arqueológica de 2007. Indivíduos 1 e 2; Indivíduo 3 e Indivíduo 5 em segundo plano; Indivíduo 4; Indivíduo 6; Indivíduos 7 e 8 com espólio arqueológico associado.

funerário incluíam a colocação, paralelamente aos restos osteológicos aqui depositados e articulados ao redor destes, de várias oferendas cuja descrição e estudo detalhado será objecto de trabalho monográfico ulterior. Os objectos recuperados no túmulo megalítico de Santa Rita representam um contexto funerário com várias similitudes com outros conjuntos locais, com especial incidência para os materiais publicados por Estácio da Veiga procedentes dos monumentos de Nora e Marcela, e regionais como veremos adiante.

No espólio documentado estão representados maioritariamente elementos de pedra polida (enxó, machado e goiva), pedra talhada (lâminas talhadas em diversos suportes líticos, incluído calcário oolítico silicificado, algumas intencionalmente fracturadas; pontas de seta de tipologia diversificada com especial destaque para os exemplares “tipo alcalar”; alabardas), cerâmica, com predomínio das formas esféricas e vasos de colo alto, placas de xisto e adornos, representados por pequenas contas de xisto e cristal de rocha. Foi ainda documentado um pequeno vaso de calcário, um machado de cobre e restos de possíveis alfinetes polidos em osso ou marfim, em paupérrimo estado de conservação, um dos quais recuperado no interior de um vaso de cerâmica. Importa ainda realçar a presença de duas conchas de vieira (*pecten maximus*), de cristais de rocha e nódulos de pigmento vermelho, cujos resultados preliminares identificam como sendo cinábrio (HgS) (Inácio et alli, 2010).

6. Memória e continuidade no Túmulo Megalítico de Santa Rita

6.1. A necrópole externa

A identificação de uma necrópole na plataforma superior do monumento, sobre a câmara funerária e junto ao corredor, evidencia a continuidade deste lugar como espaço funerário (Figura 8). No total da área intervencionada foram identificadas seis sepulturas e um número mínimo de oito indivíduos². As cinco datações absolutas até agora efectuadas sobre os indivíduos 1, 2, 3, 4 e 5

² Para uma descrição preliminar dos aspectos antropológicos e bioarqueológicos da amostra estudada, sugere-se a leitura do trabalho de Curate e Inácio “Bioarqueologia de uma amostra esquelética proveniente do Túmulo Megalítico de Santa Rita - dados preliminares”, publicado neste volume.

(Ua36217 a Ua36221), obtidas nos laboratórios da Universidade de Uppsala (Suécia) – Tandem Laboratory – permitiram definir um largo espectro temporal para a ocupação funerária deste local, desde a segunda metade do II Milénio A.N.E. até às últimas centúrias do I Milénio A.N.E. No entanto, é provável que o início da ocupação desta necrópole seja ainda mais antiga face ao espólio arqueológico associado aos indivíduos 7 e 8, tradicionalmente integrados no denominado “Horizonte de Ferradeira” definido por Schubart (1971).

Indivíduos 1 e 2

Inumação dupla identificada quase à superfície do terreno, parcialmente sobre um dos esteios de cobertura da câmara funerária. Foram colocados em posição fetal, lado a lado com os membros inferiores entrelaçados, em decubitus sobre o lado direito, com a cabeça dirigida para poente e a face voltada para sul. O indivíduo 1 apresentava a cabeça encostada a um bloco de arenito que lhe servia de almofada. Esta sepultura era rodeada por uma estrutura tipo tumulus, de planta de tendência oval, construída com pequenas lajes e blocos sobrepostos.

Indivíduo 3

Enterramento identificado a norte dos indivíduos 1 e 2, parcialmente coberto pela estrutura que envolvia estas inumações. Encontrava-se em posição fetal, em decubitus sobre o lado direito, com a cabeça dirigida para sul e face voltada para nascente, em fossa estruturada por pequenos blocos e lajes de xisto aproveitando a lateral do esteio de cobertura da câmara funerária. Não continha qualquer espólio arqueológico associado. Apresentava excelente grau de conservação dos elementos ósseos apesar dos seus membros inferiores terem sido amputados pela abertura da fossa de implantação do indivíduo 5.

Indivíduo 4

Única inumação identificada fora do espaço definido pela câmara funerária, em pequena fossa escavada no substrato rochoso a norte do corredor do monumento. Trata-se de uma inumação colocada em posição fetal, em decubituslateral sobre o lado direito, com a cabeça dirigida para sul e face orientada sensivelmente a nascente. Não continha qualquer espólio associado.

Indivíduo 5

O indivíduo 5 foi identificado muito próximo do indivíduo 3. Trata-se de uma inumação colocada em posição fetal, em decubitus sobre o lado direito, com a cabeça dirigida para poente e face voltada para sul, em fossa estruturada com pequenos blocos e lajes de xisto aproveitando o topo de um dos esteios que formavam a câmara funerária. Não apresentava qualquer espólio arqueológico associado, somente algumas conchas fechadas e não perfuradas identificadas ao redor do crânio.

Indivíduo 6

Aproveitando o topo do esteio de cabeceira da câmara funerária foi adossada uma estrutura pétreo composta por lajes dispostas em cutelo e blocos sobrepostos onde, no seu interior, foi sepultado um indivíduo cujo paupérrimo estado de conservação dos restos ósseos não permitiu determinar com exactidão o ritual funerário associado. Encontrava-se, porém, com a cabeça dirigida para sul e a face voltada para nascente, provavelmente em decubituslateral.

Indivíduos 7 e 8

Após o levantamento da estrutura que embalava o indivíduo 6 foi documentado um nível arqueológico muito alterado, contendo abundante espólio osteológico onde foi possível determinar a presença de um mínimo de dois indivíduos. Como espólio arqueológico foi registado um punção de cobre, um braçal de arqueiro, associado aparentemente aos únicos ossos em conexão anatómica, e dois recipientes de cerâmica. Dados os revolvimentos dos remanescentes ósseos ocorridos aquando da inumação do indivíduo 6 não foi possível determinar o ritual funerário associado.

6.2. Ocupação romana

Como já foi salientado, durante a intervenção arqueológica no corredor e nas suas imediações pudemos constatar a presença de abundante material de época romana cujo significado não era possível discernir na altura, sugerindo os indicadores arqueológicos (amputação do esteio do corredor e revolvimentos internos) tratar-se de simples violações desta parte do monumento.

A intervenção de 2008, ao alargar a área de escavação, permitiu determinar algumas características desta ocupação e clarificar aspectos

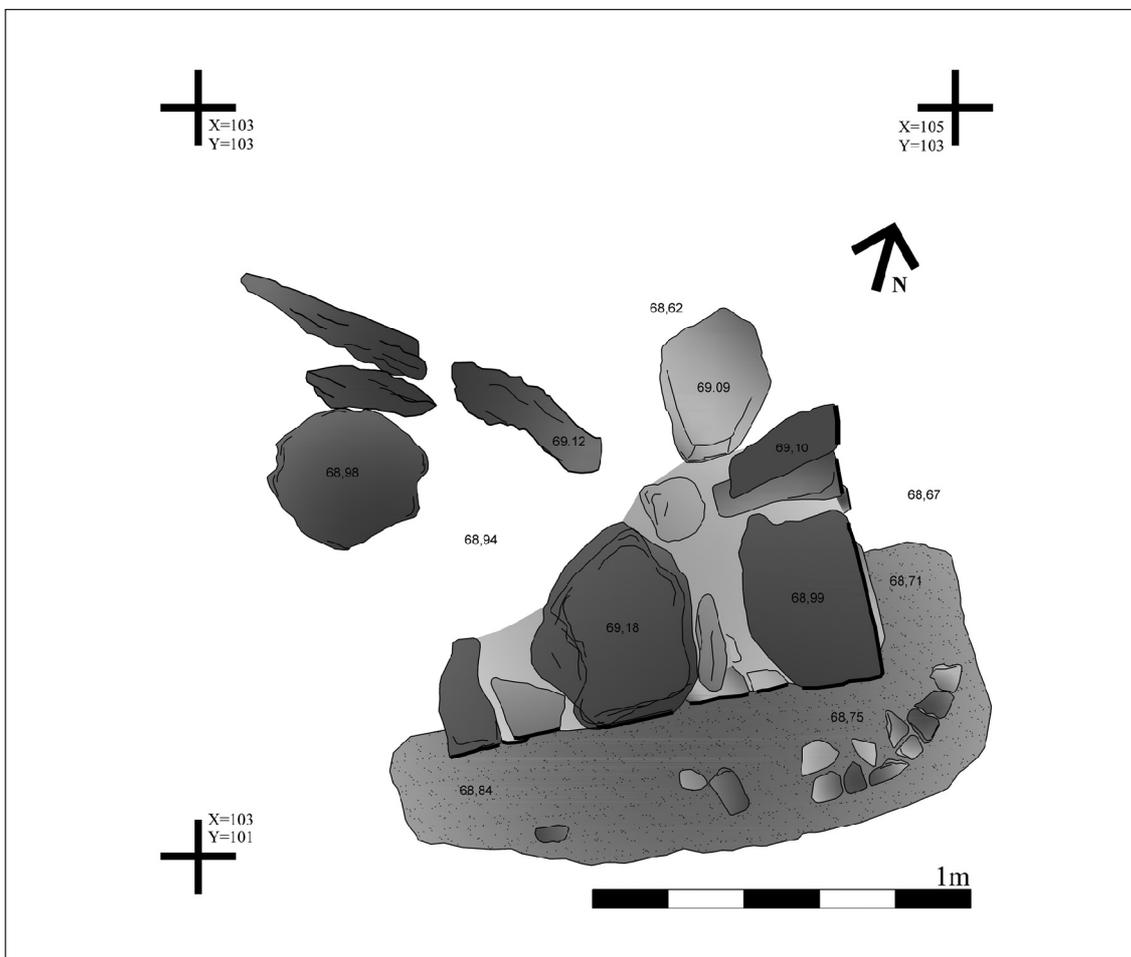


Fig. 9 – Planta da estrutura de época romana detectada durante a intervenção de 2008.



Figura 10 – Pormenor da superfície externa decorada de uma travessa de Terra Sigillata Hispânica Tardia.

da sua cronologia. Foi possível definir uma estrutura de tendência quadrangular, levantada em alvenaria e argamassa, conservando pelo menos uma das esquinas e duas fiadas de pedras de arenito, calcário e xisto, aproveitando parte do primeiro anel periférico que envolve a câmara funerária (Figura 9). Encontrava-se bastante afectada por processos pós-deposicionais o que não permitiu determinar a sua configuração inicial. Junto a esta estrutura foi exumado algum espólio arqueológico de filiação romana e, sobre um piso que a rodeava, foram identificados três fragmentos de grande prato/travessa de Terra Sigillata Hispânica Tardia da forma Palol 1 ou 10.14 de Paz Peralta (2008), sugerindo uma cronologia para esta ocupação de finais do século IV ou século V (Figura 10).

Apesar de resultar difícil avaliar o carácter da ocupação romana e desta estrutura em particular, ao não ter sido possível obter mais informações arqueológicas face ao estado de conservação que apresentava, não será difícil admitir, porém, um significado de carácter ritual, por ora desconhecido, associado à perpetuação da memória histórica do lugar.

7. Considerações finais

A escavação integral do túmulo megalítico de Santa Rita aliado ao excelente estado de conservação da estrutura arquitectónica e dos contextos arqueológicos a ela associados oferecem a possibilidade única de identificarmos e avaliarmos alguns aspectos do ritual funerário e das práticas sociais relacionadas com a construção, utilização e reutilização deste lugar. Apesar de não dispormos ainda de informações relativas ao protocolo de análises previsto no projecto (datações absolutas, antropologia, antracologia, palinologia, estudo das matérias-primas e dos materiais arqueológicos) os dados até agora disponíveis permitem tecer algumas apreciações de carácter preliminar.

Integração paisagística e construção

- A sua localização parece ter obedecido a vários critérios, ora com o objectivo de maximização dos recursos, nomeadamente a força de trabalho necessária à sua materialização ao situar-se junto a afloramentos de arenito, ora com o intuito de aumentar a sua percepção desde o exterior, criando uma empatia com a paisagem envolvente ao eleger-se um dos cerros mais destacados para sua implantação, controlando visualmente, desde aí, um vasto anfiteatro natural que se estende para sul.
- Desde a sua concepção mental até à sua materialização parece ter sido seguido um projecto global e singular de construção que obedeceu a soluções com forte cariz simbólico:
 - Um corredor, parcialmente descoberto e isento de práticas funerárias, desenhado com o objectivo de criar sucessivos patamares de acesso até ao interior do monumento.
 - A construção de complexo e original dispositivo de entrada integrado numa fachada aberta a

nascente define uma ruptura entre o espaço interno e externo do monumento. A selecção de materiais com cores contrastantes não só reforçou a sua monumentalidade como criou um efeito cenográfico e um sugestivo impacto visual sobre o exterior.

- Uma câmara funerária totalmente subterrânea desenhada para ser muito mais que um mero contentor de ossos e objectos, mas o culminar de um processo ritual, imbuído de complexas e diferenciadas práticas sociais reflectidas, por exemplo, na compartimentação do espaço interno.

- A presença de produtos líticos e restos de fauna malacológica nos sedimentos do tumulus, nos interstícios dos esteios da câmara e nos depósitos entre estes e o substrato geológico identificam a ocorrência de complexas práticas sociais durante ao processo de construção do monumento.

Utilização

- Os contextos arqueológicos e antropológicos dos dois momentos de ocupação identificados no interior da câmara funerária indicam a utilização do monumento apenas como ossário sugerindo, porém, que este seria apenas o culminar de um complexo ritual funerário com início em local incerto.
- A presença de materiais arqueológicos sem vestígios de utilização indicia que a sua produção esteve orientada à amortização dentro do monumento, começando a elucidar-nos sobre práticas sociais difíceis de explicar sem os dados fora do âmbito funerário.
- As características de alguns materiais e sobretudo as matérias-primas com que foram manufacturados indicam a inserção destas comunidades no seio longínquas mas estáveis redes de circulação de produtos e de matérias-primas.

Reutilização

- Quando já se encontrava completamente colmatada, em momento por agora indeterminado face à ausência de elementos de cronologia absoluta, a câmara funerária foi objecto de violações através da remoção de parte dos esteios de cobertura. No entanto, estas visitas não só respeitaram os contextos funerários associados aos seus antepassados,

como foram as protagonistas de práticas que incluíram a colocação de vasos cerâmicos e à realização de uma lareira como forma de legitimar a sua reutilização. A explicação para esta ocorrência devemos procurá-la na continuidade de utilização deste lugar como necrópole e sobretudo como lugar de memória(s).

- As datações absolutas até agora disponíveis permitem comprovar a reutilização ininterrupta deste lugar como necrópole até finais do I Milénio A.N.E. A presença de evidências que comprovam a existência de mais sepulturas nas imediações e nos cerros circundantes ao monumento vem reforçar ainda mais a importância deste lugar, da paisagem e da memória que encerrou durante milénios. Neste sentido, a ocupação romana, materializada na construção de misteriosa estrutura, vem apenas reforçar a ideia expressa nos pontos anteriores.

Shubart, H. (1971): O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico final no Sudoeste da Península Ibérica. Revista de Guiães, vol. LXXXI, nº 3-4, p.189-216.

Veiga, E. (1886): Antiquidades Monumentaes do Algarve. Tempos pré-históricos. 1. Imprensa Nacional, Lisboa.

Bibliografia

Barker, P. (1982) – Techniques of archaeological excavation. ^a Ed., Batsford, Londres.

Garcia, C. (2008) – Cacela, Terra de Levante. Memórias da Paisagem Algarvia. Vila Real de Santo António, Câmara de Vila Real de Santo António e Campo Arqueológico de Mértola.

Harris, E.C. (1993) – Principios de Estratigrafia Arqueológica, Crítica, Colección Crítica Arqueología, Barcelona.

Inácio, N., Calado, D., Nocete, F., Curate, F., Oliveira, C., Peramo, A. e Bayona M.R. (2008) - é-história e Megalitismo na região de Cacela. Uma proposta integrada de investigação, valorização e protecção do património arqueológico. In XELB 7: Actas do 7º Congresso de Arqueologia do Algarve, Silves, Silves, pp. 61-74

Inácio, N., Nocete, F., Nieto, J. M., Sáez, R., Bayona, M.R. e Abril, D. (2010) – Characterization and provenance of red pigment used in megalithic tombs of South of Portugal. International Symposium on Archaeometry (Poster).

Paz Peralta, J. A. (2008) – Las producciones de Terra Sigillata Hispánica Intermedia y Tardía. Bernal Casasola e Ribera i Lacomba (Coord.) – Cerámicas Hispanorromanas. Universidad de Cádiz, pp. 497-540.